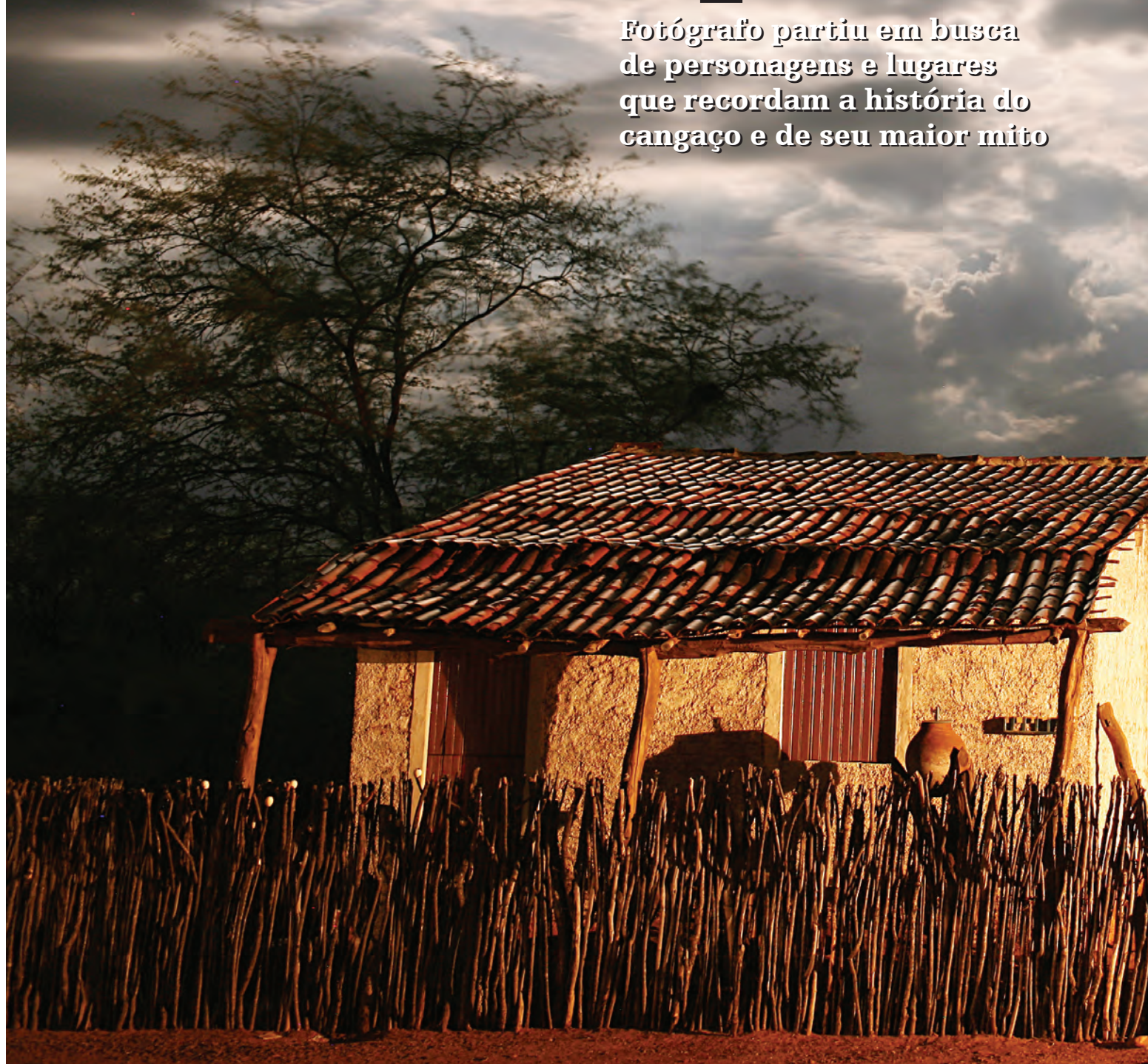


Nas pegadas de Lampião

Fotógrafo partiu em busca
de personagens e lugares
que recordam a história do
cangaço e de seu maior mito



POR **ÉRICO ELIAS**

O sertão é uma terra mítica, cheia de histórias e contradições. Um dos grandes mitos que pairam no imaginário da cultura popular sertaneja é o de Virgulino Ferreira da Silva, o cangaceiro Lampião. Esse personagem ainda tão presente, apesar de morto nos idos de 1938 por um grupo de policiais em Sergipe, encarna em si todo o significado paradoxal do cangaço. Será bandido ou justiceiro, vilão ou herói? Os relatos se sobrepõem, criando um labirinto no qual há muito de ficção e mais ainda de realidade.

Casa de Dona Jacosa, avó materna de Lampião, no sítio Passagem das Pedras, em Serra Talhada (PE)

Márcio Vasconcelos





Acima, Manoel Dantas Loiola, vulgo Candeeiro, último integrante do grupo de Lampião ainda vivo, em sua casa no povoado de Guanumbi, município de Buíque (PE)

Nordestino nascido em São Luís do Maranhão, o fotógrafo Márcio Vasconcelos foi mais um a crescer escutando os feitos e a fama de Lampião. Com trabalho autoral dedicado ao registro de manifestações populares, ele já acalentava há um bom tempo o projeto de refazer os passos do cangaceiro, reabrindo a trilha deixada na caatinga brasileira. A oportunidade veio com a contemplação no 11º Prêmio Marc Ferrez de Fotografia, promovido pela Funarte em 2010.

“A grande inspiração para mim veio quando assisti a uma entrevista de Frederico

Pernambucano de Melo, um dos maiores biógrafos de Lampião. Nessa entrevista, ele contou que ainda havia um dos integrantes do bando vivo. Esse homem havia estado na Grota do Angico no dia 28 de julho de 1938, quando foi realizada a emboscada ao grupo. Naquele momento, decidi que iria atrás dele, para ver o quanto de história ainda restava pelas trilhas em que Lampião passou”, conta Márcio.

O fotógrafo mergulhou nos relatos históricos sobre Lampião e o cangaço para produzir um roteiro e um projeto de viagem. Uma vez

contemplado com a bolsa da Funarte, ele pôde partir em sua aventura, da qual voltou pleno de imagens e com a certeza de que muito do que se conta sobre esse mito brasileiro do século 20 é verdade.

Encontros marcantes

Ao todo, foram pouco mais de quatro mil quilômetros rodados pelo sertão de sete Estados nordestinos: Alagoas, Bahia, Sergipe, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. A viagem teve início no povoado de Vila Bela, hoje pertencente ao município de Serra Talhada, em Pernambuco, onde nas-



Acima, Elias Matos Alencar, policial que participou do cerco ao bando de Lampião; ao lado, seu Borges, primo de Maria Bonita

ceu Lampião, em 1898, e terminou próximo às margens do Rio São Francisco, no local de morte do cangaceiro. A Grota do Angico fica perto da cidade de Piranhas, em Alagoas, mas está na outra margem do rio, no município de Poço Redondo, já no Estado de Sergipe.

Ao seguir a “trilha do cangaço”, como chamou o projeto, Márcio Vasconcelos foi em busca de lugares simbóli-



Fotos: Márcio Vasconcelos



Fotos: Márcio Vasconcelos



Acima, casa onde viveu Maria Bonita, em Paulo Afonso (BA), sítio Passagem das Pedras, onde viveu Lampião e a Grota do Angico, onde o cangaceiro e seu grupo foram vítimas de uma emboscada fatal (da esq. para dir.)

cos não apenas para Lampião, mas também para outros cangaceiros que marcaram história, como Corisco e Dadá. Ele viajou de carro, sozinho, seguindo a pista de pessoas e locais que testemunharam a passagem dos cangaceiros.

Os dois principais personagens desse percurso são o cangaceiro Candeeiro, como era conhecido Manuel Dantas Loiola, e o policial Elias Matos Alencar, que estiveram em lados opostos no dia da emboscada ao grupo de Lampião.

Candeeiro, com 97 anos, hoje mora no povoado de Guanumbi, município de Buí-

que, Pernambuco. Elias, com 96, mora em Olho d'Água do Casado, em Alagoas.

“Foram dois encontros de suma importância para o projeto. O dia em que encontrei Candeeiro, por exemplo, foi mágico. No vilarejo, foi fácil descobrir onde ele morava. Quando cheguei, ele estava na porta, parecia que me esperava. Nos sentamos e conversamos longamente. Com grande lucidez, ele recordou em detalhes daquele dia em que foi baleado no braço e conseguiu fugir”, conta o fotógrafo maranhense.

Onze cangaceiros foram

mortos na emboscada, incluso Lampião e Maria Bonita, sua companheira. Eles e outros cangaceiros tiveram as cabeças decepadas e expostas em frente à prefeitura de Piranhas, uma forma cruel de expor a “vitória” sobre o bando. Hoje em dia, Candeeiro e Elias são amigos e dizem que tudo aquilo foi uma grande besteira. Lampião, de bandido, passou para o imaginário popular como herói.

Vivo na memória

Outro encontro emocionante vivido por Márcio Vasconcelos nas trilhas de Lam-





pião foi com seu Borges. O fotógrafo esteve no sítio Passagem das Pedras, no município de Serra Talhada (PE), que pertenceu a Lampião. Após realizar algumas fotos, ele já estava de partida quando viu um senhor caminhando em sua direção.

“Ele se aproximou de mim e, sem que eu dissesse nada, falou-me: ‘o senhor veio atrás das histórias de Lampião, não é? Eu era primo de Maria Bonita.’ Depois disso, nós conversamos por um bom tempo e ele ainda me contou que seu pai, João Pereira de Oliveira teria na-

morado com Maria Bonita antes de ela se juntar a Lampião”, recorda o fotógrafo.

O encontro gerou um belo retrato, com a mão de seu Borges em primeiro plano segurando a foice com a qual estava trabalhando. Esse e outros encontros foram demonstrando ao fotógrafo que há muito de verdadeiro por trás da lenda do cangaceiro.

“Descobri que essa história está tão viva no imaginário popular que parece que Lampião e seu bando passaram por ali uma semana atrás. Foi muito fácil encontrar as pessoas que vivenciaram o can-

gaço e que deram depoimentos com riqueza de detalhes, que batiam com informações apuradas por historiadores e biógrafos. Cada dia era para mim uma grande descoberta”, conta Márcio.

Há vários anos atuando como fotógrafo de publicidade, ele toca seus projetos pessoais em paralelo ao trabalho comercial. Ele já tinha mostrado seu talento com retratos no trabalho sobre o Tambor de Mina, religião afro-brasileira cujas raízes estão no Benin, país localizado na costa oeste da África (veja em Fotografe edição 154).

Abaixo, detalhes recolhidos pelo fotógrafo nas paisagens da caatinga, único ecossistema brasileiro que se restringe às fronteiras do País





Vaqueiros retratados nas andanças pelas trilhas do cangaço; Márcio Vasconcelos observa que pouca coisa mudou desde a época de Lampião, como atestam o carro de boi e as casas de pau a pique

O documentário sobre o cangaço foi além dos retratos e abarcou também lugares significativos. Além de retratar os personagens envolvidos nessa trama imemorial, as fotos também trazem ao espectador toda crueza e toda beleza do árido cenário da caatinga. Como bem lembra o fotógrafo, trata-se do único ecossistema brasileiro que não se estende a países vizinhos, encerrando-se no coração da região nordeste. A experiência de Márcio com

a documentação de expressões religiosas o fez dedicar uma das partes do ensaio à fé do sertanejo.

Estilo despojado

O fotógrafo viajou em seu próprio automóvel durante 40 dias ininterruptos, partindo de São Luís diretamente para o Estado de Pernambuco, onde começou a expedição.

O curioso é que há registros de ação de cangaceiros em todos os Estados da região nordeste, exceto Piauí e Ma-

ranhão. Mesmo sem que algum maranhense como Márcio tenha presenciado essas histórias, elas são reverberadas e bastante conhecidas também na sua terra natal.

Márcio tem um estilo de trabalho bastante despojado. Para seus trabalhos pessoais ele costuma usar apenas objetivas fixas. Na expedição pelo Nordeste, levou sua Canon EOS 5D acompanhada apenas das lentes 35 mm e 50 mm, ambas f/2.8. As imagens realizadas, a maioria



Fotos: Márcio Vasconcelos

com a 35 mm, foram sendo mantidas nos cartões de memória. No notebook que o acompanhava, ele aproveitava para avaliar o material e para fazer uma cópia de segurança das fotos do dia.

“Quando viajei ao Benin, decidi carregar pouco equipamento, pois estava indo para um país distante e desconhecido. A experiência deu certo e acabou servindo de referência para a viagem pelo Nordeste, muito embora, por ter ido com meu carro, pudes-

se ter levado muito mais bagagem. Como venho da escola do cromo, costumo pensar bastante antes de fazer um clique. Não sou de fazer muitas fotos, por isso não tive que levar muitos cartões de memória”, explica o fotógrafo.

É de se destacar a qualidade dos retratos que Márcio Vasconcelos consegue sem lançar mão de fontes artificiais de iluminação. O fotógrafo tem um controle apurado da luz natural e sabe como posicionar seus retrata-

dos para mostrá-los no ambiente em que vivem. O tratamento impecável e a edição do material também ficaram por sua conta.

Parado no tempo

Embora o sertão venha se transformando nos anos recentes, por conta de programas de transferência de renda que beneficiam famílias pobres e estão dando nova dinâmica à economia local, Márcio Vasconcelos relata ter encontrado paisagens



Márcio Vasconcelos

Acima, demonstração de afeto por animais típicos na paisagem árida do sertão; abaixo, locais por onde o fotógrafo passou

MAPA DA TRILHA



muito parecidas com as quais Lampião e outros cangaceiros devem ter se deparado nos idos da década de 1930.

“Eu pude sentir que muita coisa mudou nas cidades e cruzei diversas vezes com as enormes obras de transposição do Rio São Francisco. Pensei que seria complicado viajar de carro de passeio, mas encontrei a maioria das estradas em ótimo estado. Esses são sinais de uma evolução, mas o cenário do cangaço, que se encontra principalmente na área rural, esse parece ter ficado parado no tempo, juntamente com as histórias de antigamente, que ainda estão bem vivas”, explica.

Márcio Vasconcelos tomou como uma das grandes fontes de inspiração para o projeto as imagens captadas

pelo fotógrafo e cinegrafista Benjamin Abrahão, que passou uma temporada ao lado do bando de Lampião registrando a rotina do grupo – história contada no filme *O Baile Perfumado*, de 1997.

Após serem publicadas em reportagens no jornal *Diário de Pernambuco*, nas quais se exaltava a figura do cangaceiro, as fotos feitas por Benjamin acabaram alimentando a fúria do governo federal, o que desencadeou as expedições que resultaram na morte de Lampião.

Benjamin Abrahão também chegou a fazer filmagens, que impressionam pela alta qualidade. O material deixado por ele é de extrema importância para a reconstituição das feições e da indumentária próprias àquele grupo que en-



Canvas Matte Professional.

**O papel do artista é causar boa impressão.
O nosso é fazer isso acontecer.**

O tecido fotográfico Canvas Matte Professional oferece excelentes tons de branco e fidelidade de cores. Feito em 100% algodão, é ideal para dar uma impressão de obra de arte em fototelas, giclée, fotografias e reproduções de fotografias históricas.

Medidas: 610mm x 12m / 1.118mm x 12m • Gramatura: 375g/m²

A Maxprint Photo Profissional oferece maior longevidade e um excelente acabamento fotográfico. É a mídia ideal para imprimir suas imagens com maior fidelidade de cores e um acabamento surpreendente.

Distribuidores Autorizados:

- **Alphaprint:**
(11) 3718-1850 São Paulo
- **CSB:**
(16) 3632-2250 Ribeirão Preto
- **Cyancolor:**
(11) 2737-9119 São Paulo
- **Emporium:**
(11) 3724-9400 São Paulo
- **Papyteck:**
(41) 3027-0007 Paraná

- **RevelaPhoto:**
(11) 3291-9199 São Paulo
(27) 3222-2160 Espírito Santo
(51) 3012-7057 Rio Grande do Sul
- **Solução & Imagem:**
(21) 2240-1611 Rio de Janeiro
(11) 3014-3721 São Paulo
(31) 3515-5150 Belo Horizonte
- **Vinilsul:**
(51) 3275-0800 Porto Alegre

Mídias para grande formato.

MAXPRINT.
Photo Profissional

0 8 0 0 7 0 4 3 4 6 0



Parte do ensaio foi dedicado à fé do sertanejo, caso da foto acima, que retrata Maria Assunção, moradora do Abrigo Padre Cícero, em Juazeiro do Norte (CE)

traria para a história do Brasil. Foi justamente a morte de Lampião numa emboscada que acabou contribuindo para a consolidação do mito do cangaceiro herói e justiceiro.

Márcio Vasconcelos conta que também buscou inspiração nos inúmeros filmes de ficção e documentários feitos sobre o cangaço. Para ficar apenas nos exemplos mais célebres,


vale citar que dois dos principais filmes da história do cinema nacional tratam do assunto: *O Cangaceiro* (1953), de Lima Barreto, e *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964), de Glauber Rocha.

História e sonho

Outra referência veio das biografias, com destaque para o trabalho minucioso de Frederico Pernambucano de Mello. Para se ter uma ideia da força dessa figura, estima-se que Lampião perde apenas para Ernesto Che Guevara na galeria das personagens latino-americanas mais biografadas até o momento.

Um contraponto à contribuição de historiadores foi encontrado pelo fotógrafo em uma inesgotável fonte de cultura popular nordestina: a literatura de cordel. Foi do cordel que Márcio tirou os versos que apresentam o documentário fotográfico *Na Trilha do Cangaço*.

“Não sei se é lenda ou verdade. Meu senhor, falo em meu nome. A lenda começa sempre quando uma história termina. Porque se a história nos conta que Virgulino nasceu, a lenda logo acrescenta que Lampião não morreu. Além da história e da lenda, existe o sonho do povo, que, entre o que ouve e o que não ouve inventa tudo de novo. Por isso, a lenda é mais certa que o sonho e a história, porque Lampião ainda vive em todas as memórias”.

Confira mais imagens desse trabalho, que esteve entre os finalistas do Prêmio Conrado Wessel 2010, no site criado especialmente para exibi-lo: natrilhadocangaco.com.br. Mesmo com o ensaio finalizado, Márcio continua a pesquisar sobre Lampião e a se interessar pelo tema. Portanto, não se admire se novas imagens surgirem para ajudar a manter viva essa lenda já tão popular no imaginário nacional. 



Autoretrato

Fotógrafo Márcio Vasconcelos, maranhense que cresceu escutando histórias de Lampião e do cangaço